



**UNIVERSIDADE
FEDERAL RURAL
DE PERNAMBUCO**

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO

DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

**CLUBE SARGENTO WOLFF: OS SARGENTOS, A SOCIEDADE, A POLÍTICA E O
IMAGINÁRIO DE 1964, SOB A ÓTICA DO DIÁRIO DE PERNAMBUCO**

MÁRIO ROOSEVELT ARRUDA BOTELHO

RECIFE

2024

MARIO ROOSEVELT ARRUDA BOTELHO

CLUBE SARGENTO WOLFF: OS SARGENTOS, A SOCIEDADE, A POLÍTICA E O
IMAGINÁRIO DE 1964, SOB A ÓTICA DO DIÁRIO DE PERNAMBUCO

Trabalho de conclusão de curso apresentado
ao Departamento de História da Universidade
Federal Rural de Pernambuco, como requisito
para a obtenção do título de Licenciado em
História.

Recife, 04 de outubro de 2024.

Banca Examinadora

Orientadora: Profa. Dra. Marcília Gama da Silva

Prof. Ms. Ademir Bezerra de Melo Júnior
Universidade Federal de Pernambuco – UFPE (Avaliador Externo)

Prof. Dr. Marcos Aurélio Dornelas da Silva
Universidade Federal de Pernambuco – UFPE (Avaliador Externo)

Apresentação

Para fins de conclusão do Curso de Licenciatura em História, a que se destina o presente artigo, apresento ao Departamento de História da Universidade Federal Rural de Pernambuco este trabalho, o qual seguiu as diretrizes e normas da ABNT e as diretrizes de submissão da Revista História Unicap, da Universidade Católica de Pernambuco.

O artigo foi elaborado com base na documentação do Acervo Digital da Biblioteca Nacional, tendo como fonte documental os periódicos do Diário de Pernambuco, publicados entre os anos de 1950 a 1964, relacionados ao Clube Sargento Wolff.

A referida pesquisa foi direcionada para que pudesse ser ampliado o estudo da Ditadura Militar. Nesse sentido, procurou compreender o fenômeno da propaganda positiva que viera a contribuir para a instauração daquele regime ditatorial.

Resumo

Neste artigo, abordaremos o modo como os militares construíram uma imagem positiva em Pernambuco, nos anos que antecederam a Ditadura Militar (1950-1964), utilizando-se da aproximação com a sociedade pernambucana, por meio do Clube Sargento Wolff. Em conjunto com os principais Clubes do Recife, à época, crescia o Clube dos Sargentos do Exército mediante uma relação de poder verticalizada, com o seu comando, e horizontalizada, com a sociedade, a política e a imprensa. Assim, da perspectiva do discurso positivo construído pela imprensa, especificamente, pelo Diário de Pernambuco, procuramos descrever a influência desse fenômeno na construção de um imaginário pró-ditadura, na cidade do Recife.

Palavras-chave: Ditadura; Pernambuco; Sargentos.

Abstract

In this article, we will look at how the military built up a positive image in Pernambuco, in the years leading up to the Military Dictatorship (1950-1964), using the Sergeant Wolff Club to get closer to Pernambuco society. Together with the main clubs in Recife at the time, the Army Sergeants' Club grew through a vertical power relationship with its command and a horizontal one with society, politics and the press. Thus, from the perspective of the positive discourse constructed by the press, specifically by the Diário de Pernambuco, we sought to describe the influence of this phenomenon on the construction of a pro-dictatorship imaginary in the city of Recife.

Translated with DeepL.com (free version)

Keywords: Dictatorship; Pernambuco; Sergeants.

Introdução

Às portas de uma nova assunção presidencial, em finais de 2022 e início de 2023, a frente dos quartéis e o planalto foram ocupados por uma multidão que implorava por uma intervenção militar. Em meio a toda aquela tensão pela qual o Brasil enfrentou, os militares, ao que parece, mantiveram-se “indiferentes” a qualquer tentativa de intervenção que pudesse conduzir o país a um novo regime ditatorial.

O nacionalismo em moda, que em outrora foi utilizado para aliviar as tensões entre as classes e unir brasileiros (SKIDMORE, 1982), não bastou para que o cenário vivido em 1964 voltasse a se repetir. Logo, não sendo apenas o sentimento nacionalista capaz de provocar um novo 1964, despertou-se o interesse de rememorar os antecedentes da Ditadura Militar e esmiuçar outros aspectos do passado. Aspectos que, de alguma forma, teriam contribuído para moldar a opinião pública a favor da tomada do poder pelos militares em 1964. Afinal, mesmo os militares não estando uníssonos nas questões político-ideológicas, neles são refletidos a ampla flutuação da opinião pública (STEPAN, 1975).

Dessa complexidade, surgiu a necessidade de buscar outros atores e desvendar engrenagens menores que fizeram parte da considerável participação dos militares não só na política, mas também no cenário cultural que antecedeu o ano de 1964. Mesmo que tal participação no cenário cultural fosse desprovida de intencionalidade, no que diz respeito a conquista da opinião pública. Pois, como observou Le Goff (1990, p. 408), “(...) não podemos esquecer os verdadeiros lugares da história, aqueles onde se deve procurar, não a sua elaboração, não a produção, mas os criadores e denominadores da memória coletiva”.

Nesse contexto, ao adentrar no campo das engrenagens menores, as quais são indispensáveis para o funcionamento das estruturas, observou-se a ausência da participação dos clubes militares como componente político do “partido militar”, no tempo presente. Enfim, muitas das decisões tomadas nos clubes militares se estendiam como decisões efetivas na política brasileira. Como se observa:

O presidente Dutra e seu Ministro da Guerra, General Canrobert Pereira da Costa, anunciaram que respeitariam a decisão do Tribunal Superior Eleitoral. Mesmo essa afirmativa não foi bastante para os generais ativistas Estillac Leal e Zenóbio da Costa, que declararam abertamente em uma reunião do Clube Militar, a 15 de novembro, que Vargas estava eleito. (SKIDMORE, 1982, p. 134)

Com efeito, o retorno ao passado com um olhar mais atento para a atuação dos clubes militares, que não se limite a perspectiva da política, veio a nortear o presente estudo. Mas é fato que também não se trata de um olhar abrangente do ponto de vista espacial e temporal, o que deixará margem para abordagens futuras. Trataremos da atuação do Clube Sargento Wolff, na cidade do Recife, em função da propaganda positiva da imagem do Exército, a qual foi sendo ampliada à medida em que o clube obteve certo crescimento junto às outras agremiações de destaque da sociedade pernambucana. Propaganda essa que teve como fonte de análise, somente, as páginas do periódico Diário de Pernambuco que circularam entre os anos de 1950 e 1964.

A formação do capital político dos sargentos

Os sargentos passaram de renegados a prestigiados ao final da década de 1950 e início de 1960. Contexto no qual se transformaram em parte integrante das Forças Armadas a qual possuía um capital político interessante. “O novo status dos sargentos, dentro da estrutura militar, lhes deu condições para se tornarem um grupo poderoso e distinto”. (STEPAN, 1975, p. 118). Diante disso, na mesma medida em que a classe política tentava manter uma relação de aproximação com os sargentos, crescia também a pressão institucional sobre essa classe. Assim, no meio de um conflito político entre as oligarquias regionais e o alto comando das Forças Armadas (CARVALHO, 2006) encontravam-se os sargentos.

Contudo, partindo da perspectiva de que o capital político dos sargentos era um importante objeto de disputa, é necessário levarmos em consideração as razões que contribuíram para a consolidação desse capital. Mas antes, é importante entender como se desenhou a estrutura dos quadros do Exército dentro da “República Verde-Oliva”, resumida por Santos:

Adiciona-se à proposição de Marshall, a de José Murilo de Carvalho (2005, p. 38). Esse autor sustenta a tese que os soldados, no período da 1.^a República, poderiam ser classificados em três tipos: o cidadão, favorável a uma intervenção política reformista; o profissional, que recusava essa participação, e o soldado-corporação, que pleiteava uma intervenção moderada. Propõe-se aqui a adição de uma quarta categoria, a qual utilizaremos como instrumento de referência para análise da mobilização dos sargentos; a do soldado trabalhador, utilizada pelo antigo Partido Trabalhista Brasileiro (PTB) como citado por Maria Celina D’Araujo (1996). Esse soldado faria parte do “exército democrático” em oposição ao “exército

de gorilas” e “entreguistas”, estes com vieses mais internacionalistas e favoráveis à entrada do capital estrangeiro. (SANTOS, 2010, p. 12)

Dentro dessas quatro categorias de soldado: o profissional, o cidadão, o soldado-corporação e o trabalhador, estavam todos os quadros do Exército. Cada qual dentro dos seus postos e graduações, conscientes ou inconscientemente, eram arrastados pelas ideologias políticas que conduziam o pensamento de grupos distintos dentro de uma mesma corporação. No entanto, a mobilização dos sargentos, tomada como referência por Santos (2010), não ocorre apenas na quarta categoria de soldado trabalhador, na qual os sargentos se mobilizavam sob a influência do Partido Trabalhista Brasileiro (PTB). Logo, deve ser entendida dentro de todas as categorias. A fim de que possamos ter uma visão mais completa sobre a formação do capital político dos sargentos em um contexto abrangente e de como eles se mobilizaram, com mais ou menos relevância, durante o processo de formação do Exército no contexto republicano.

É interessante notar ainda, que as quatro categorias seguem uma ordem cronológica. A primeira categoria, a de soldado cidadão, tem seu marco no manifesto redigido por Rui Barbosa e dirigido ao parlamento e a nação por Deodoro, em 1887. A segunda, a de soldado profissional, é caracterizada pela necessidade de mudança devido aos acontecimentos de 1922. A terceira, a de soldado corporação, ganha força após a vitória da Revolução de 1930, que ficou caracterizada pela participação expressiva de militares do Exército. Por fim, a quarta categoria, a de soldado trabalhador, essa acrescentada na historiografia por Santos, tem seu marco no contragolpe de 1955. De modo que cada categoria foi pensada com base nos fatores que caracterizaram as transformações desse “novo” Exército, entre o fim do século XIX e meados do século XX. Tais características são um roteiro de causa e consequência nascidas da vontade de alguns indivíduos do alto comando do Exército de tentar posicionar a instituição dentro da estrutura de poder da jovem república. Um roteiro de mudanças significativas do ponto de vista social e político em um curto espaço de tempo, de aproximadamente meio século. Respectivamente, conduzido por positivistas, tenentistas, varguistas e democráticos.

Partindo da sistemática na qual foram elencadas as quatro categorias de soldado, analisaremos a formação do capital político dos sargentos dentro de cada categoria destacada. Para isso, faremos um reposicionamento das categorias. Não tratando a classe dos sargentos de forma geral, como tratou Carvalho, ao denominar

todos os militares de “soldados”, mas de forma específica. Substituindo o termo soldado pelo termo sargento. Assim, passando a entender as categorias como a de sargento cidadão, sargento profissional, sargento corporação e sargento trabalhador. Para que possamos compreender melhor o desenvolvimento dessa classe dentro da estrutura de poder.

O sargento de fins do século XIX e início do século XX foi caracterizado por Zimmermann pelos seguintes requisitos:

“os sargentos eram muito pobres, analfabetos ou semianalfabetos, sem uma perspectiva de construção de uma carreira sólida na Instituição Militar. Seus proventos supriam apenas as necessidades básicas e as condições de trabalho eram bastante inapropriadas. Houve pouco progresso ao longo das primeiras décadas do século XX. Algumas situações pontuais elevaram graduados à condição de instrutores de soldados, foram criadas algumas (efêmeras) escolas de sargentos, mais nada que tivesse um alcance mais abrangente”. (ZIMMERMANN, 2013, p. 11)

Dada a condição enfrentada pelos sargentos, restou-lhes as promoções nas quais os critérios de seleção baseavam-se a partir da relação pessoal com os oficiais, o que evidenciava uma promoção dependente de favores dos oficiais. Entretanto, esse “sujeito”, agora elevado ao cargo de sargento, era oriundo das fileiras dos cabos e soldados, permanecendo ligado profissionalmente e afetivamente aos seus subordinados.

Outro fator a ser destacado, foi o aumento do grau de liderança dos sargentos no corpo da tropa. Na impossibilidade dos tenentes de ministrarem as instruções básicas para os soldados, em razão do efetivo reduzido, a função de instrutor no corpo de tropa foi exercida com maior frequência pelos sargentos. De forma que, ao assumir essa função, corriqueiramente, em uma fase que o Exército se encontrava sem uma unidade definida, os sargentos puderam estabelecer novas relações de poder dentro da instituição.

O panorama geral era de muitas revoltas internas, devido às péssimas condições salariais. A má alimentação oferecida à tropa, a precária condição de trabalho, os castigos físicos como forma de punição e os motins eram rotineiros, gerando um grave quadro de indisciplina. Nesse contexto, duas revoltas das praças ganharam destaque, nos anos de 1892 e 1915. Sendo a de 1915, conhecida como a

rebelião dos sargentos¹, a mais significativa, em virtude da participação política de alguns atores civis. É bem verdade que a rebelião de 1915 não se desenrolou, porém nota-se que já se tinha algum interesse político na manutenção dessa nova classe emergente dentro do Exército. O “sargento cidadão”, então – cidadão de fato, porque era recrutado da parcela mais pobre da sociedade – seria a extensão das reivindicações civis dentro das forças armadas, vindo a despertar o desejo de cooptação por parte de políticos civis e das lideranças militares de cunho intervencionista.

O interesse de políticos civis na cisão dos militares viria a alertá-los para algumas mudanças. A nova fase seria marcada pela transformação na política interna do Exército, dando início “a passagem de fase da política na organização para a de política de organização”. (CARVALHO, 2006, p. 59). A profissionalização, defendida pelo movimento renovador, tinha como um dos principais motivos o distanciamento dos militares da política (CARVALHO, 2006). Entretanto, a política de organização, até 1930, não passou de discussões no círculo do alto comando do Exército. Era, até o momento, uma breve mudança de mentalidade, que não atingira a mentalidade tenentista e, menos ainda, a mente e os corações dos sargentos. Prova disso é a revolta de 1922², a qual participaram, significativamente, tenentes e sargentos. Como observou Carvalho (2006, p. 49): “A tática dos tenentes consistiu em aliciar oficiais jovens, muitas vezes antigos colegas de Realengo, e conseguir, com ajuda deles e, eventualmente, com auxílio de sargentos, rebelar unidades isoladas”.

¹ A Revolta dos Sargentos foi um marco histórico de expressão política da baixa oficialidade do Exército na jovem República. O movimento tinha como maior ambição instituir o regime parlamentar com um militar como chefe de Estado no Brasil. Seu resultado, no entanto, foi apenas o pagamento de soldos atrasados. A mobilização ocorreu no Rio de Janeiro, entre 1915 e 1916, em um contexto de grandes dificuldades econômicas no país, agravadas pela Primeira Guerra Mundial. O grupo de revoltosos era formado por uma maioria de sargentos do Exército, com participação de políticos, trabalhadores e militantes de esquerda, como Maurício de Lacerda e Barbosa Lima. Eles buscavam melhores condições de trabalho, plano de carreira e aumento dos soldos.

² A Revolta do Forte de Copacabana, ocorrida em 5 de julho de 1922, foi um conflito armado entre o Governo Federal, representado na figura do Presidente da República, Artur Bernardes, e parte das Forças Armadas. Esse movimento influenciou fortemente os rebeldes em São Paulo durante o desenrolar da Revolução de 1924. Isso fica expresso na data escolhida para o início do movimento: 5 de julho de 1924. A Revolta de 1922 teve a participação da ala mais jovem das Forças Armadas, composta por alguns militares que pretendiam “salvar a honra” do Exército brasileiro, que vivenciava um clima de ofensas. Essa ala não concordava com o fechamento do Clube Militar no Rio de Janeiro, realizado por meio de decreto presidencial. Tal ato foi uma retaliação ao protesto realizado pelos soldados contra a ação do governo, que se utilizou do Exército para intervir na política local de Pernambuco.

O “sargento profissional” ainda era um protótipo que não havia tomado posse da qualificação adequada para as muitas funções que exercia no corpo de tropa. A qualificação profissional, como por exemplo, o intercâmbio com outros exércitos em viagens internacionais, visando melhorar o profissionalismo dos militares, era prerrogativa dos oficiais. Como destacado por Zimmermann (2013, p. 43): “As condições de trabalho da grande maioria dos sargentos aparentemente sofreram poucas mudanças”. Por consequência, o “sargento profissional” passaria a questionar a dualidade da sua posição nos anos vindouros. Pois, ao passo que adquiria conhecimento profissional e maiores responsabilidades dentro da instituição, percebia também que sua condição social não evoluía.

Do que consta, até aqui, nas duas primeiras categorias – de cidadão e de profissional – é perceptível a participação política dos sargentos. Sobremaneira, uma forma de fazer e participar da política como coadjuvantes, mas que não exclui tal participação. O que demonstra um contraste com a afirmação de Stepan (1975), que descreveu a participação política dos sargentos como inativa, até 1950, aproximadamente.

Ao iniciar a análise da categoria do “sargento corporação”, a partir da década de 30, é impossível não demarcar a chamada Revolução de 30, que na perspectiva da historiografia brasileira atual foi mais uma tentativa de golpe político na república brasileira. Nesse contexto, é importante abstrair o sentido de mentalidade corporativa. De maneira geral, há nessa nova mentalidade certo ajuste na hierarquia das prioridades. Antes o que era Nação, instituição e corporação, na escala de prioridade, se tornara corporação, instituição e Nação. De modo que a nação e a instituição passaram a ser um instrumento para o fortalecimento das aristocracias emergentes dentro do Exército republicano. Mentalidade que viera a ser constatada por Carvalho (2006) ao relatar o seguinte pensamento de Góes Monteiro, influente oficial do Estado-Maior do Exército, na década de 1930: “Sendo o Exército um instrumento essencialmente político, a consciência coletiva deve-se criar no sentido de se fazer a política do Exército e não a política no Exército” (Monteiro, sem data, p. 156, 163 apud Carvalho, 2006, p. 42).

O sargento da década de 1930 estava outra vez a serviço do intervencionismo. Só que dessa vez, de um intervencionismo de caráter moderador. Mobilizável para fins políticos dessa nova oligarquia de caráter militar, mas

descartável logo que os intervencionistas conquistavam seus objetivos. Assim, a classe dos sargentos entrou no jogo político dos corporativistas. Apesar disso, o aumento da participação dos sargentos nos movimentos, a partir de 1930, começara a ser de fato proporcional ao aumento do capital político desse grupo, dentro e fora do Exército. Participação essa destacada por Carvalho da seguinte maneira:

Finalmente, um fato pouco conhecido: exame cuidadoso dos levantes nas várias unidades mostra com clareza o papel muito importante dos sargentos em todos eles. O papel dos oficiais subalternos tem sido excessivamente exagerado, como parte da mitologia criada em torno do tenentismo. Tanto no Sul como no Nordeste, os tenentes pouco teriam conseguido sem o apoio dos sargentos, os verdadeiros detentores do controle da tropa. Inúmeros deles foram comissionados em segundos-tenentes e comandaram pelotões na marcha das tropas rebeldes. O fato gerou novo problema para os revolucionários. Negligenciados após a vitória, frustrados e insatisfeitos, os sargentos e as demais praças se transformaram em base de apoio para outras revoltas ou se rebelaram eles mesmos. (CARVALHO, 2006, p. 63)

A resposta aos insatisfeitos e revoltosos foi dada durante toda a década de 1930. Principalmente, após o movimento extremista de 1935, que para o Exército foi um fator agravante, o que proporcionou celeridade ao processo de licenciamento de boa parte dos sargentos envolvidos nesse e em outros motins e levantes: os de 1931, em Lorena-SP e no Rio de Janeiro, e os de 1932 no Rio Grande do Norte e no Recife. Todavia, todos eles demonstravam que a identidade da classe dos sargentos havia se consolidado. (Zimmermann, 2013).

Encerrada a análise das tipologias estabelecidas por Carvalho (2006) percebe-se que a micro história tem sua relevância. A questão é que, ao classificar os militares como um grupo homogêneo, perde-se a dimensão de alguns lugares da história em que outros atores praticaram ações decisivas, que, por consequência, pode ter sido a causa das reações de caráter mais abrangentes. Desse modo, adentraremos na última categoria, a de soldador trabalhador, estabelecida por Santos (2010), com o intuito de entender como a classe dos sargentos, possuindo uma melhor consistência dentro da estrutura de poder, expandiu sua força política se utilizando de outros meios.

“Sargento também é povo fardado”. O slogan vinculado na imprensa não só era utilizado como peça de propaganda, mas refletia a nova realidade da classe dos sargentos dentro da nova categoria batizada na historiografia como a categoria de soldado trabalhador. Nesse período, não teremos mais a imagem do sargento

vinculada politicamente à esteira dos oficiais subalternos, por ocasião das diversas revoltas da década de 1930. Os sargentos, de fato, assumiram certo protagonismo, porque garantiram a legalidade constitucional tanto no contragolpe de 1955 como nas diversas ações lideradas pelos sargentos, as quais contribuíram para que João Goulart fosse empossado como presidente da República. O que podemos constatar na observação a seguir:

[...] os sargentos, a que só se conferia o direito de cega obediência, e com muito mais fortes razões que aos oficiais, manifestaram a firme vontade de desobedecer, por terem entendido que obedecer, no caso, era ir contra o país e contra o povo. Penetraram, assim, no conteúdo da obediência militar e da hierarquia militar. Foram inúmeros os episódios em que a ação concreta dos sargentos salvou a democracia brasileira, naqueles dias tristes, amargos e duvidosos (SODRÉ, 1965. p. 382 apud SANTOS, 2010. p. 34).

No momento de muita luta por direitos trabalhistas e defesa da democracia, foi inevitável que a imagem positiva em torno dessa classe não fosse expandida para além dos muros da caserna. Ora enaltecidos pelos superiores e pelos políticos civis, ora ganhando destaque nas páginas dos jornais da época, construíram os sargentos uma imagem positiva em relação à população. No entanto, pode-se afirmar que há poucos relatos sobre esse assunto na historiografia que ultrapasse a dimensão política, como observou Carvalho:

Até agora, quase nada tem sido feito sob o ângulo sociológico fora do organizacional; quase nada sobre a família militar, o orçamento doméstico, o lazer, o cotidiano dos quartéis, as condições de vida, as relações sociais. Igualmente, quase nada existe sobre a dimensão cultural, os valores e a mentalidade militar. (CARVALHO, 2006, p. 143)

Sendo assim, na tentativa de preencher essa lacuna, propõe-se descrever, nas páginas seguintes, uma parte do que foi a dimensão cultural, o lazer e a família militar, por meio do Clube Sargento Wolf – o clube dos sargentos do Exército, no Recife. Analisando sua atuação frente à sociedade pernambucana.

Do surgimento à simpatia dos congêneres e da imprensa

Surge em 30 de setembro de 1949, o Clube Sargento Wolff, na forma de Associação dos Subtenentes e Sargentos das guarnições de Recife, Olinda e Socorro. Nome este que viera a receber em 15 de outubro de 1949. Ocasão na qual ocorreu a eleição da sua primeira diretoria e a nomeação do General Brasileiro

Americano Freire, Comandante da 7ª Região Militar, como presidente de honra. Após a oficialização, o clube passara a ter sua primeira sede em uma instalação alugada, na rua do príncipe³. Sendo transferida no mesmo ano – não em 1951⁴ – em 23 de dezembro, para a rua Joaquim Nabuco, no bairro do Capunga, também localizado na cidade do Recife. Fato esse publicado pelo Diário de Pernambuco, no dia 21 de dezembro de 1950, o qual correspondia ao destaque descrito no periódico como “VIDA MILITAR”, relatando o seguinte:

“Realizar-se-á, no dia 23 próximo, a inauguração das novas instalações do Clube Sargento Wolff, à rua Joaquim Nabuco n. 529, na Capunga. A direção da entidade organizou o seguinte programa festivo: 21.30 inauguração com a presença do general Brasileiro Americano Freire, comandante da 7ª Região Militar [...]”⁵.

Com efeito, porém longe de precipitar algum tipo de análise, temos aparentemente uma mudança na relação vertical entre os sargentos e os oficiais. A relação, antes limitada entre os sargentos e os tenentes, estabelecida devido à proximidade com que estes estavam envolvidos nas tarefas diárias e nas diversas lutas intervencionistas nas décadas anteriores, passa a ter um novo caráter com o advento do clube e a figura de um oficial general como presidente de honra do Clube Sargento Wolff. Com o estreitamento dessa relação, teriam os sargentos a possibilidade de tratar os assuntos de seus interesses em um ambiente um tanto mais leve e fora do organizacional. Mas também é provável que a organização estivesse interessada em controlar as atividades do clube, a fim de evitar as divisões ocorridas nos últimos anos. Por terem sido criadas de forma independente, as associações dos sargentos necessitavam ser observadas, pois um núcleo constituído por sargentos era considerado, na época, uma possível ameaça à disciplina (RODRIGUES, 2013).

Em outra ocasião, devido às comemorações do aniversário do clube, em outubro de 1952, foi também convidado para a solenidade o comandante da Zona Militar Norte, o general Canrobert Pereira da Costa. Entretanto, ele não compareceu à cerimônia, sendo substituído por um representante. Era um General de destacada

³ Clube Sargento Wolff. *Clube Sargento Wolff*, 2024. Disponível em: <http://clubesargentowolff.com.br/>. Acesso em: 14 ago. 2024.

⁴ Conforme descrito no periódico Diário de Pernambuco, a inauguração da sede no bairro do Capunga teria ocorrido no dia 23 de dezembro de 1950, e não no início de 1951, como informado no endereço eletrônico do Clube.

⁵ VIDA militar. *Biblioteca Nacional Digital Brasil*, 2024. Disponível em: [Diario de Pernambuco \(PE\) - 1950 a 1959 - DocReader Web \(bn.gov.br\)](https://diario.de.pernambuco.gov.br/). Acesso em: 07 jun. 2024.

participação no âmbito do exército, entre as quais, e talvez a de maior relevância, tenha sido a assunção do cargo de ministro da guerra, função que exerceu de outubro de 1946 a abril de 1951. Opositorista ferrenho do governo Vargas e mais tarde da candidatura Kubitschek, participou ativamente da política ao lado da ala nacionalista das Forças Armadas. Contudo, sua ausência nas comemorações é intrigante, pelo fato da sua relação com uma das associações dos sargentos ter sido conturbada, em outra ocasião. Fato descrito da seguinte maneira:

Uma rápida sindicância ajudou o ministro da Guerra, o General Canrobert, a concluir que, dentre outras coisas, o referido sargento, descumprindo determinações que lhe foram dadas, “a respeito de sua conduta como Presidente da Associação, quando, por duas vezes, foi advertido pelo Ministro da Guerra”, tentou “com as soléncias de seu telegrama abalar a estrutura de nossa instituição armada incitando a classe contra os Poderes constituídos” procurando, dessa forma, transformar a Casa do Sargento em “propagandista de ideias que, como é do conhecimento público, são de origem comunista”. O ministro da Guerra respondeu com duas ações punitivas. Uma delas deu-se de forma direta à pessoa do sargento Carrión, expulsando-o do Exército. A outra punição teve um cunho social, para todos os sargentos já associados, e potenciais sócios. Oficialmente o Exército passou a não reconhecer a entidade como sendo de sua utilidade e o ministro da Guerra proibiu o desconto interno, em folha de pagamento, das mensalidades daquela agremiação. (Aviso nº 541, publicado no Boletim do Exército nº 35, de 2 de setembro de 1950, pp. 2391-2392. apud RODRIGUES, 2013. p. 142 e 143)

O fato é que a presença do presidente de honra e de outras autoridades militares se tornou uma constante nas diversas atividades do clube nos seus anos iniciais. Sobre essa relação lembra-nos Foucault (2000, p.8) que: “O que faz com que o poder se mantenha e que seja aceito é simplesmente que ele não pesa só como uma força que diz não, mas que de fato permeia, produz coisas, induz ao prazer, forma saber, produz discurso”.

Decerto também, é o interesse na “vida militar”. O título do anúncio chama a atenção por demonstrar que, no contexto de uma identidade nacional em formação, o modelo de padrão militar poderia surgir como uma opção no nível social a que estavam inseridos os sargentos. No sentido de que os sargentos fossem um modelo para o meio social que estavam habituados a frequentar, como também para aqueles que começavam a frequentar o seu clube. O padrão de vida militar que a população estava habituada, o qual se limitava aos muros dos quartéis, não era necessário para que a população tivesse o apreço necessário por esse “partido”.

À época, os militares não tiveram uma experiência tão positiva no que tange à questão da conquista da opinião pública em favor dos seus candidatos. E conquista da opinião pública nos diversos níveis, serviria para que esse aspecto fosse mudado. Essa experiência foi retratada por Skidmore (1982, p.89) por ocasião da candidatura do general Dutra: “[...] os adeptos de Dutra mostravam-se preocupados com a inabalável incapacidade do general de suscitar o entusiasmo dos eleitores”.

No ano seguinte ao da sua fundação, o Clube Sargento Wolff continuaria a ganhar espaço no noticiário do Diário de Pernambuco. Expandiu a sua imagem, marcada inicialmente pelas realizações de festivais internos, os quais ainda eram restritos aos sócios e convidados de honra, filiando-se a Federação Pernambucana de Desportos Amadores (FPDA). Passou então, a figurar como o “caçula” (Figura 1) no meio dos clubes mais tradicionais, iniciando a sua participação nos campeonatos amadores, em algumas modalidades, a partir de 1951.

Figura 1 – O caçula

Clube Sargento Wolff e FPDA
Tong VIANA
 (Para o “D. P.”)

O desporto amadorista em nossa capital vem ultimamente obtendo grande numero de adesões. Do campeonato de 1949, apenas o Santa Cruz desistiu de continuar, por motivos já conhecidos do publico pernambucano.

Em compensação, America e Barroso tornaram realidade o sonho de seus associados, estando hoje filiados, disputando o presente torneio e apresentando crescente progresso tecnico em suas equipes.

Para a proxima temporada de 1951, contaremos no campeonato da cidade com a presença do “caçula” dos amadores da cidade: o Clube Sargento Wolff.

Esta novel sociedade, cuja fundação a 15 de outubro de 1949, contou com os auspícios do exmo. sr. general Brasileiro Americano Freire, grande chefe e estimado amigo, abriga sob sua bandeira os sargentos do Exército, servindo nas guarnições do Recife, Olinda e Socorro.

Concomitantemente com a construção de moderna quadra de cimento a ser iniciada e concluida nestes proximos 90 dias, o Clube Sargento Wolff inscreverá na FPDA duas valorosas e disciplinadas equipes de basquetebol e voleibol. Já temos alguns interessantes esportistas conhecidos de sobra os sargentos Waldemar, Farias, Walter, Breno, Rubens, Almeida, Wilson, Alzir, Gerson, Ramalho e muitos outros, cujos nomes nos escaparam no momento, integrantes das equipes do America, Esporte, Atletico, etc.

Com o concurso destes destacados elementos, acrescido de outros, cujos nomes são desconhecidos do publico, mas que praticam ininterruptamente na caserna os esportes acima citados, poderá o Clube Sargento Wolff galgar posição destacada nos desportos amadoristas de Pernambuco.

Fonte: Diário de Pernambuco (PE) – Ano 1950/Edição 00245

O clube viveu o início da década de 1950 já inserido no cenário desportivo e cultural da cidade do Recife. As festividades de carnaval promovidas pela agremiação eram realizadas de acordo com os costumes da época. O tradicional grito de carnaval⁶ e os bingos de carnavais faziam parte do universo cultural da agremiação. Sorteavam-se prêmios diversos, de lança-perfumes a carros de luxo. O carro sorteado nesse caso era um Jeep, o famoso prêmio mosca. Cobiçado por grande parte das pessoas sociedade recifense, foi objeto de exposição na rua da Imperatriz, no centro do Recife, servindo de divulgação do bingo de carnaval do Wolff, em janeiro de 1953⁷.

Ocorreu que, em 1954, a projeção seria ainda maior. Não se limitando aos desportos e aos bailes de carnavais, se arriscaria o clube dos sargentos, em um certame que, segundo a matéria do Diário de Pernambuco, se tratava de um sensacional concurso de beleza. O qual estava “mobilizando a sociedade e atraindo as atenções dos clubes esportivos, das casas comerciais, associações culturais e diversionais, bairros, colégios, programas de rádio e etc.”⁸ Sendo representado pela senhorinha Neise de Castro Galiza (Figura 2), na disputa da dona dos mais belos olhos de Pernambuco.

Figura 2 – Os mais belos olhos



Fonte: Diário de Pernambuco (PE) – Ano 1954/Edição 00025

⁶ Grito que marcava o início das atividades carnavalescas.

⁷ Bingo Carnavalesco no Clube Sargento Wolff. **Biblioteca Nacional Digital Brasil**, 2024. Disponível em: Diário de Pernambuco (PE) - 1950 a 1959 - DocReader Web (bn.gov.br). Acesso em: 07 jun. 2024.

⁸ Concurso de beleza. **Biblioteca Nacional Digital Brasil**, 2024. Disponível em: Diário de Pernambuco (PE) - 1950 a 1959 - DocReader Web (bn.gov.br). Acesso em: 07 jun. 2024.

Em razão do concurso do concurso dos mais belos olhos, promovidos pela CILION e pelo Colírio Moura Brasil, o Clube Sargento Wolff teve seu nome estampado, de janeiro a maio de 1954, nas páginas do Diário de Pernambuco e, anunciado nas ondas sonoras, por meio da Rádio Tamandaré. No entanto, não foi só os belos olhos da candidata do Clube Sargento Wolff que chamaram a atenção. Percebe-se nas entrelinhas a presença de outros atores. O relacionamento entre o empresariado, o Exército, e o Diário de Pernambuco, em uma época que o discurso era produzido em torno de uma mentalidade nacionalista e patriótica, evidenciava um certo alinhamento no que tange ao discurso. Pois, como bem destacou Luca (2008. p. 140): “a ênfase em certos temas, a linguagem, e a natureza do conteúdo tampouco se dissociam do público que o jornal ou revista pretendem atingir”.

Nesse sentido, no momento da terceira apuração do certame, o Diário publicou a seguinte afirmação, a qual demonstrara a mentalidade das empresas que promoviam o concurso: “Quinta-feira próxima será realizada mais uma apuração deste sensacional concurso, que obedece ao **patriotismo**⁹ de Cilion e do Colírio Moura Brasil, através da Rádio Tamandaré¹⁰”. Ademais, ainda é citado o apoio massivo em torno da candidata do Clube Sargento Wolff. Candidata que estava sendo apoiada pela oficialidade, radialista e jornalistas. Assim, “a simpática agremiação social do pessoal do nosso Exército¹¹”, como de costume era referenciado o Clube Sargento Wolff, continuou galgando as primeiras posições do concurso.

Diante disso, percebe-se que “para um determinado processo, ocorre certo padrão, repetições e recorrências [...] que indicam uma tendência, os fluxos e os refluxos que podem identificar um ciclo” (Barros, 2012. p. 147). A tentativa de aproximação com o clube dos sargentos, no Recife, nos anos iniciais da sua existência foi, para os entes envolvidos, uma oportunidade de consolidar laços e estreitar as relações. É o que Foucault dizia sobre captar o poder nas extremidades, nas múltiplas sujeições que existem e funcionam no interior do corpo social (Foucault, 2000. p. 162).

⁹ Grifo nosso.

¹⁰ Concurso de beleza. *Biblioteca Nacional Digital Brasil*, 2024. Disponível em: Diário de Pernambuco (PE) - 1950 a 1959 - DocReader Web (bn.gov.br). Acesso em: 07 jun. 2024.

¹¹ Idem.

A cada notícia que envolvia o clube dos sargentos, percebia-se o aprofundamento das relações entre o clube e a sociedade. Em 1955, o Clube tornara-se uma espécie de trampolim para o desportista Rosemiro Rodrigues¹², que logo após dirigir a equipe de basquetebol do Wolff, assumiu a presidência da Federação Pernambucana de Desportos Amadores. E, sem perder tempo, tratou logo de promover o campeonato brasileiro de basquete, no Recife, com apoio do Exército. A sua visita aos principais quartéis do Exército na cidade, foi noticiada pelo Diário de Pernambuco da seguinte forma: “Recebe a FPDA novo apoio para o campeonato brasileiro¹³”. Continua abaixo: “Ainda ontem, à tarde, a reportagem acompanhou o presidente Rosemiro Rodrigues a mais uma visita às autoridades constituídas, a fim de solicitar apoio para o XXII Campeonato Brasileiro de Basquetebol¹⁴”. Foram então recebidos pelo comandante da 7ª Região Militar, general Artur H. Hall, e pelo Comandante da Zona militar Norte, general Souza Dantas, os quais se manifestaram favoráveis à realização da competição. Dessa visita, ainda é possível notar a recorrente consideração e inclinação do Diário de Pernambuco para com as autoridades militares. “A nossa reportagem o general Souza Dantas declarou: É com imensa satisfação que recebo a reportagem do DIÁRIO em meu gabinete. Estou a inteira disposição de vocês¹⁵”.

Como se vê, a existência de um novo ciclo vai permeando as relações entre o Clube Sargento Wolff e os novos atores. O cenário social em Pernambuco ganhara mais um elemento de aproximação entre o corpo social e a política. Um novo meio para se estabelecer relações de poder. Uma nova forma de troca de favores que viria a se fortalecer nos anos vindouros. Para tanto, se fortalecer era sinônimo de agregar valor, consolidar o discurso e firmar bases mais sólidas. Dessa forma, novos atores foram inseridos nessa recente rede. O que torna importante a análise do que foi sendo transformado e mantido, o seu objetivo final e suas reais intenções por trás do conjunto de interesses. Sem perder de vista que as partes interessadas em maior ou menor grau obedeciam a ordem do discurso, o qual era imposto pelos seus detentores.

¹²

¹³ Campeonato brasileiro de basquetebol, no Recife. *Biblioteca Nacional Digital Brasil*, 2024. Disponível em: Diário de Pernambuco (PE) - 1950 a 1959 - DocReader Web (bn.gov.br). Acesso em: 07 jun. 2024.

¹⁴ Idem.

¹⁵ Idem.

A construção da sede própria e de novas relações

A abertura do clube à sociedade foi acompanhada de uma perspectiva de expansão das suas dependências. Os sargentos passaram então a sonhar com a aquisição de uma sede própria. Deixar as instalações da antiga sede, alugada no bairro do Capunga, fazia parte de um projeto, à época, grandioso para aquele grupo de militares. Contudo, o rápido crescimento do clube acarretou no acirramento das eleições para a sua presidência. Nesse contexto, os sargentos associados passaram a se organizar em chapas, visando a disputa para conquistar um lugar de destaque na agremiação. Eleições essas que, em 1956, passaram a ter uma maior visibilidade nas páginas do Diário.

As eleições seguiam o mesmo rito das eleições presidenciais, as quais se davam por duas votações, uma para presidente e a outra para vice-presidente. A chapa que disputava a vice presidência amparava-se na forte imagem do ex-combatente, Jarde Cordeiro, que integrou a FEB na segunda guerra. O que de certo modo contribuiu para a construção de uma imagem mais forte, visto que o prestígio dos febianos estava em alta perante os militares e a opinião pública, em razão da vitória aliada na Segunda Guerra. Tal prestígio foi comprovado em uma entrevista dada pelo ex-diretor, o subtenente Lorival Ribeiro de Carvalho, ao Diário de Pernambuco, durante o intervalo de suas aulas, na Faculdade de Ciências Médicas. Ao ser indagado, afirmou não ter tempo para participar do pleito em razão do seu pouco tempo disponível ser destinado ao estudo da medicina, mas que acreditava no favoritismo de Luiz Vital e de Jarde Cordeiro¹⁶.

Entretanto, a boa imagem dos febianos não foi suficiente para garantir a vitória nas eleições. A chapa da situação foi reeleita. Por mais um biênio, teria o Clube Sargento Wolff, o sargento Pinto Ramalho como presidente e José de Castro Chaves como vice.

Após a vitória, ao ser entrevistado na sede do Diário, o presidente reeleito aproveitou a oportunidade para anunciar o projeto de construção da nova sede¹⁷. Um projeto audacioso para o contexto da época e que exigiria da nova diretoria a capacidade de articulação com a classe política.

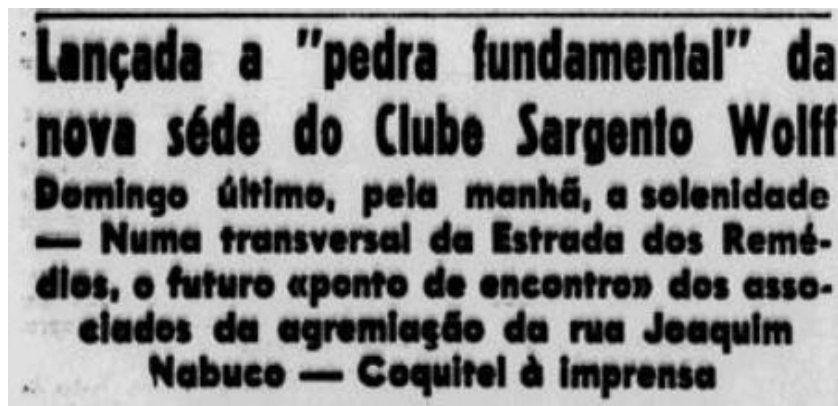
¹⁶ Eleições no Clube Sargento Wolff. *Biblioteca Nacional Digital Brasil*, 2024. Disponível em: Diário de Pernambuco (PE) - 1950 a 1959 - DocReader Web (bn.gov.br). Acesso em: 07 jun. 2024.

¹⁷ 7º aniversário do Clube Sargento Wolff. *Biblioteca Nacional Digital Brasil*, 2024. Disponível em: Diário de Pernambuco (PE) - 1950 a 1959 - DocReader Web (bn.gov.br). Acesso em: 07 jun. 2024.

Mas, em 03 de agosto de 1957, a capacidade de articulação dos sargentos já se mostrara eficiente. A Assembleia Legislativa, nessa data, autorizou a concessão de um auxílio destinado às despesas do Clube Sargento Wolff¹⁸. Auxílio que foi confirmado por meio dos Atos do Governo Estadual, em 27 de setembro do mesmo ano, o qual abria um crédito especial no valor de 300.000,00 cruzeiros, com a finalidade de auxiliar as despesas da construção da sede própria do Clube Sargento Wolff¹⁹.

Recebido o aporte financeiro por parte do governo estadual, o clube lançara meses depois a pedra fundamental da sede própria, que seria construída em uma transversal da Estrada dos Remédios, no Bairro de Afogados.

Figura 3 – Pedra fundamental



Fonte: Diário de Pernambuco (PE) – Ano 1957/Edição 00241

Avaliada em aproximadamente 6 milhões de cruzeiros, a futura sede iria possuir um magnífico ginásio e uma suntuosa piscina olímpica. Segundo, descrito no Diário, o Clube Sargento Wolff estaria prestes a realizar uma obra espetacular, “que depois de pronta daria ao Recife um clube luxuoso²⁰”. No 9º aniversário de fundação do clube, em outubro de 1958, as obras da nova sede tiveram início. Outra vez, o presidente Pinto Ramalho convidaria a imprensa, desta vez para um almoço. Fato

¹⁸ Assembleia Legislativa. *Biblioteca Nacional Digital Brasil*, 2024. Disponível em: Diário de Pernambuco (PE) - 1950 a 1959 - DocReader Web (bn.gov.br). Acesso em: 07 jun. 2024.

¹⁹ Atos do Governo Estadual. *Biblioteca Nacional Digital Brasil*, 2024. Disponível em: Diário de Pernambuco (PE) - 1950 a 1959 - DocReader Web (bn.gov.br). Acesso em: 07 jun. 2024.

²⁰ Lançamento da pedra fundamental da nova sede do Clube Sargento Wolff. *Biblioteca Nacional Digital Brasil*, 2024. Disponível em: Diário de Pernambuco (PE) - 1950 a 1959 - DocReader Web (bn.gov.br). Acesso em: 07 jun. 2024.

esse que já caracterizava certa expertise do presidente com relação ao tratamento com a imprensa. De qualquer forma, era sempre com relevantes elogios que a imprensa se referia ao clube dos “4 cantos”, como também era conhecido o Clube Sargento Wolff. Aos olhos da crônica do Diário, a construção de uma sede com tamanha majestade era o sonho de todo dirigente de clube no Recife.

Em 1959, na abertura prévia da nova sede para que a imprensa pudesse conhecer as novas instalações, relatou o jornal que a sede do Clube Sargento Wolff poderia ser incluída entre as mais belas do estado. O que poderia ser confirmado pela afirmação de Pinto Ramalho, quanto ao montante gasto, o qual girava em torno de 10 milhões de cruzeiros, até o momento. Além do valor utilizado, ainda estaria em tramitação na Assembleia Legislativa outro projeto de lei para auxílio das obras no valor de 3 milhões de cruzeiros. Projeto que foi aprovado, em novembro de 1959, e que teve o valor destinado para a construção do ginásio da nova sede.

É interessante mencionar que, em paralelo aos projetos de lei destinados à obtenção de recursos, tramitavam projetos para que o Clube do Sargento Wolff fosse considerado espaço de utilidade pública, na esfera municipal e estadual. Conseqüentemente, em 24 de fevereiro de 1959, por meio do projeto de lei nº 662, de autoria do Deputado Estadual Fábio Corrêa²¹, o clube conseguiria a aprovação desejada na Assembleia Legislativa do Estado de Pernambuco. O Diário do Poder Legislativo, onde foi promulgado o projeto de Lei nº 662, confirma com a seguinte informação: “[...] ressaltando, inclusive, que o clube em apreço, já foi considerado de utilidade pública pelo município de Recife²²”. Diante desse fato, é possível deduzir que para se ter direito a abertura de crédito junto ao Estado, o clube precisaria, antes, ser declarado um clube de utilidade pública. E para que isso se concretizasse, seria também necessário o apoio político de algum deputado ou vereador.

Nesse caso, apenas a solução política não era suficiente para que o clube recebesse tal deferência. Era preciso mais. Necessitava à luz da legislação provar que o clube tinha de fato utilidade pública. Para tanto, temos como referência, outro

²¹ Fábio Corrêa de Oliveira Andrade nasceu em 23/01/1913 na cidade de Escada, estado de Pernambuco. Foi Delegado da Ordem Política e Social (DOPS) (1945) e Delegado de Polícia da cidade do Recife e substituto do Secretário da Segurança Pública do Estado de Pernambuco por várias ocasiões (1939-1945). Ele também foi Deputado Estadual nos seguintes mandatos. (1951-1954; 1955-1958; 1959-1962; 1963-1966; 1967-1968).

²² 1959 – Projeto nº 662. Diário do Poder Legislativo. Assembleia Legislativa do Estado de Pernambuco. Disponível em: DIÁRIOS OFICIAIS PE FEV/59 - DocReader Web (sdoe.com.br). Acesso em: 10/Ago/2024.

projeto de lei de 1963, de autoria do Deputado Federal Garcia Filho, o qual solicitava o reconhecimento do Clube como entidade pública no nível federal, que tentava provar a titulação exigida:

Este setor, contornando uma série de dificuldades, vem mantendo à disposição dos seus associados e familiares 21 hospitais e maternidades daquela Capital, o que corresponde a quase totalidade dos que alí existem. Com a modestíssima mensalidade de Cr\$410,00 (ou seja, o correspondente a 1% sobre os vencimentos fixos de um 2º Sargento), detém ainda, um corpo médico especializado (Clínica de Olhos, Nariz, Garganta, Ginecologia, e pediatria, sem contar com um moderno Gabinete de Odontologia, recentemente montado no Edifício Brasília, 6º andar, sala 613, naquela Cidade, aonde trabalham sargentos dentistas, atendendo as famílias dos sócios e ao público em geral. Dispõe ainda, aquêle Clube de um Departamento Jurídico, cujos advogados com escritório montado no Edifício Santo Albino, sala 303, 3º andar, em Recife, prestam ainda essa tão necessária espécie de assistência beneficente ao seu corpo social²³.

Do quadro político e social acima podemos subtrair algumas conclusões. Primeiramente, da perspectiva política observa-se que o Clube foi beneficiado com a expansão da sua imagem no meio social. Para que fosse considerado de utilidade pública, em 1959, teve apoio do deputado estadual Fábio Corrêa, delegado do DOPS em 1945, durante o Estado Novo, e Presidente do Tribunal de Contas do Estado (1974-1975)²⁴. Em outra ocasião, tentou o deputado federal Garcia Filho, líder do comando nacional dos sargentos (1962)²⁵, porém cassado em razão do Ato Institucional nº 1, de 09 de abril de 1964, elevar o clube a mesma condição na escala federal. O que mostra que, para tentar requerer o valor necessário junto ao poder público, a fim de concluir as obras da sua nova sede, o clube participava do jogo político. Do ponto de vista social, a tentativa de ascensão social dos sargentos já era percebida e foi um ponto explorado por Garcia Filho, na tentativa de elevar o clube a condição de clube de utilidade pública. No seu parecer, consta que o clube disponibilizava uma ampla assistência social para o quadro de associados, oferecendo serviços de assistência médica e odontológica, nos quais alguns médicos e dentistas eram os próprios sargentos.

²³ Projeto de Lei nº 1379, de 1963, do Deputado Federal Garcia Filho. Disponível em: https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/prop_mostrarintegra?codteor=1197087

²⁴ Tribunal de Contas do Estado de Pernambuco. *Biografia do Deputado Estadual Fábio Corrêa*. Disponível em: Tribunal de Contas do Estado de Pernambuco - Fábio Corrêa (tcepe.tc.br) Acesso em: 10 Ago. 2024.

²⁵ Câmara dos Deputados. *Biografia do Deputado Federal Garcia Filho*. Disponível em: Biografia do(a) Deputado(a) Federal GARCIA FILHO - Portal da Câmara dos Deputados (camara.leg.br). Acesso em: 10 Ago. 2024.

Todo esse movimento inquietante, “uma capilaridade de intenções colaborativas e que de certa forma colabora com a ordem instituída” (GAMA, 2021. p. 24), parecia ser o fervor de uma classe emergente, que, na esteira da instituição da qual fazia parte, aspirava sua própria ascensão social. O que era concomitante com a conceituação de Elias (2000), destacada por Rodrigues (2013), ao tratar a classe dos sargentos como uma classe de outsiders. “O padrão do movimento das relações entre os grupos é que os outsiders se ressentem e se empenham em melhorar sua situação e aumentar seu status...” (ELIAS, 2000. p. 174-175 apud RODRIGUES, 2013. p. 155).

O Palacete Wolffiano e a propaganda antecipada

Figura 4 – Nova sede

CLUBE SARGENTO WOLFF - No clube: dirigentes do CSW, em palestra com a reportagem do DIÁRIO; e fachada da nova sede do clube da Estrada dos Remédios

2º caderno

DECISÃO SEGUNDA

Domingo próximo será disputada, em Goiânia, a segunda partida da série decisiva de campeonato das equipes, reunindo os quadros do Central (de Barreiras) e Maravilhas (local).

Este jogo vem sendo aguardado com vivaz interesse, pois o Central poderá ser o campeão, se conseguir repetir o feito do último domingo, quando triunfou em seu domínio. Todavia, o quadro orientado por Zeca espera triunfar para disputar um terceiro jogo a ser realizado nesta cidade.

Entre João Fortes, Francisco Oliveira e Alcides Brasil, por sorteio os comensal, será apontado o juiz, ficando os demais para o trabalho de bandeirinhas.

CAMISAS Sunfor LOJAS PAULISTA

NOVA SEDE DO SARGENTO WOLFF

Em janeiro próximo, o Clube Sargento Wolff espera inaugurar sua nova sede.

A notícia, das mais suspiradas para os nossos círculos sociais e esportivos, atesta a energia e a capacidade de trabalho dos que militam na simpática agremiação composta de sargentos e sub-oficiais do Exército.

Ao que nos informou o presidente do clube, sargento Pinto Hamalho, a diretoria, logo após a solenidade inaugural da nova sede do CSW, iniciará duas grandes campanhas para construção do Ginásio e de uma piscina. Para atingir tais objetivos, contará, mais uma vez, com a dedicação e o entusiasmo dos socios e amigos do clube.

Fonte: Diário de Pernambuco (PE) – Ano 1959/Edição 00293

O palacete Wolffiano estava de pé. Prestes a inaugurar, em janeiro 30 de 1960, já fora aberto a visitação para que os congêneres, as autoridades e a imprensa pudessem conhecer o patrimônio construído pelos sargentos do Exército, no Recife. A inauguração da sede própria iniciou com a celebração de uma missa na parte da manhã, realizada pelo Arcebispo de Olinda e Recife. À noite, se deram as

festividades de inauguração. Essa contou com a presença do general Lott, à época, ministro da guerra, durante o governo JK. Para abrilhantar a festa, o baile foi comandado por Ruy Rey e sua Orquestra-Show. Artista de renome nacional e de grande sucesso, principalmente na década de 1950. Época em que participou do filme “O petróleo é nosso”, famosa peça de propaganda do governo Vargas. Assim, se faziam presentes figuras ligadas a propagação do sentimento de nacionalismo e patriotismo vigentes no período. Aspecto reforçado por Gama da seguinte forma: “Ao nos debruçarmos sobre essa rede, composta pelos variados órgãos de controle que se comunica entre si, percebemos como é notório um intercâmbio de proporções grandiosas atuando na defesa de uma determinada ordem social” (GAMA, 2021. p. 176). A partir das festividades da sua inauguração, recebera artistas, políticos e autoridades de grande renome. Alguns futuros presidentes, como foi o caso de Castelo Branco e Costa e Silva.

Mas o crescimento não cessaria. A diretoria aguardava a liberação do crédito para a construção do ginásio de esportes. Nesse pleito, a diretoria do Wolff levaria vantagem, em virtude de ter iniciado a obra do ginásio e pelo fato da cidade do Recife não possuir um ginásio de esportes. A construção desse espaço era um sonho para o esporte amador da cidade. Com isso, recebeu apoio massivo da imprensa, dos associados e da sociedade em geral. Apoio que passou a ser noticiado de forma rotineira nas páginas do Diário.

Figura 5 – Ginásio esportivo



Fonte: Diário de Pernambuco (PE) – Ano 1960/Edição 00247

De maneira proporcional ao grande vulto dado a nova sede do Clube Sargento Wolff, cresceram os eventos realizados pela agremiação. Os bingos do Wolff, famosos por suas premiações, se transformaram no que o Diário passou a denominar de bingos milionários. Uma multidão cercava os carros na expectativa de poder dos emocionantes sorteios. Multidão essa que era composta na sua grande maioria de “gente humilde”. Na ocasião, o bingo “atraiu massa de populares à avenida Dantas Barreto²⁶”.

Figura 6 – Bingo milionário



Fonte: Diário de Pernambuco (PE) – Ano 1963/Edição 00274

Não contentes com tamanha participação nos eventos culturais, no âmbito da cidade do Recife, estavam os Wolffianos, também envolvidos no concurso de Miss Pernambuco, representados pela “bonita candidata²⁷”, Diva Margareth Rodaske.

Figura 7 – Miss Pernambuco



Fonte: Diário de Pernambuco (PE) – Ano 1963/Edição 00094

²⁶ Bingo milionário do Clube Sargento Wolff. *Biblioteca Nacional Digital Brasil*, 2024Diario de Pernambuco (PE) - 1960 a 1969 - DocReader Web (bn.gov.br). Acessado em: 15 ago. 2024

²⁷ Miss Pernambuco. *Biblioteca Nacional Digital Brasil*, 2024Diario de Pernambuco (PE) - 1960 a 1969 - DocReader Web (bn.gov.br). Acessado em: 15 ago. 2024

Assim como o Wolff, os clubes tradicionais do Estado de Pernambuco se faziam presentes na disputa. Ressaltava o Diário que, “Todas as atenções do mundo social pernambucano estão voltados para a deslumbrante festa²⁸”.

Como podemos observar, a participação do Clube Sargento Wolff no meio sociocultural da cidade do Recife, entre os anos de 1959 e 1963, ocorreu de forma intensa. Sabe-se que o clube procurou preencher todos os espaços possíveis, ou, pelo menos, os espaços onde se desenrolavam as principais atividades desportivas, sociais e culturais da cidade. Em menos de 10 anos de fundação, os sargentos elevaram, o que surgiu como uma modesta associação, à categoria de clube de destaque. Disputando as manchetes dos jornais, no início da década de 1960, com os Clubes tradicionais do Estado.

Ao refletirmos sobre a dificuldade dos militares, após a tomada do poder em 1964, de construir uma imagem populista à semelhança de Vargas e Juscelino, percebe-se que os sargentos, por meio do Clube Sargento Wolff, contribuíram em termos de propaganda, mesmo sem intencionalidade, para que a imagem dos militares dispusesse de um tom mais leve, já antes da ditadura. E fizeram isso sem nenhuma agência de propaganda, comparado ao aparato que os governantes militares possuíam, no período. Segundo FICO (1997), os militares passaram a impulsionar a campanha propagandista dos primeiros presidentes militares sob uma linguagem que transmitia a noção de construção e transformação. Coisa que, também, já tinha sido feita pelo Diário de Pernambuco com base na divulgação do Clube Sargento Wolff nos anos que antecederam a ditadura.

Além disso, por mais que uma série de conflitos internos tenham abalado a relação dos sargentos com o comando, era quase impossível criar uma imagem separada da própria imagem do Exército, tanto positivamente quanto negativamente. Foucault explica como se dá essa relação de dependência:

Creio que existe um terceiro grupo de procedimento que permitem o controle do discurso. Desta vez, não se trata de dominar os poderes que eles têm, nem de conjurar os acasos de sua apuração; trata-se de determinar as condições do seu funcionamento, de impor aos indivíduos que os pronunciam certo número de regras e assim de não permitir que todo mundo tenha acesso a eles (Foucault, 1996, p. 36-37).

²⁸ Idem

Considerações finais

Baseado nos fatos estudados, é preciso permitir que a complexidade da temática que envolve a ditadura militar ultrapasse em algum momento o que se pretende captar do aspecto temporal e espacial específico. E isso se dá pelo fato do espaço de atuação dos militares não se limitar ao espaço a que pretendemos estudar. Os atores principais e coadjuvantes, os sargentos e os oficiais, respectivamente, são movimentados a todo instante. E as decisões desses últimos afetam todo o conjunto de maneira quase que uniforme.

Sobretudo, é possível identificar o que possa estar implícito, por meio da análise das fontes. A saber, foi preciso identificar em que momento os discursos se alinhavam e se distanciavam, pois, diferenciar os interesses das classes dentro do Exército demanda uma observação minuciosa.

Após a análise das condições políticas e sociais dos sargentos, dentro e fora da instituição, percebemos que em poucos momentos do período republicano eles puderam se desvencilhar e criar uma imagem isolada, ou, até mesmo, criar o espírito da própria classe. Mas, nos poucos momentos em que isso ocorreu, foi possível mudar algum aspecto da realidade a qual estavam inseridos. E, dentre as poucas mudanças ocorridas, a principal se deu no meio social. A partir do momento da criação das Associação e do Clube Sargento Wolff, eles passaram a se relacionar com outras classes as quais não pertenciam. E dessa nova relação social, surgiu, enfim, a oportunidade de alcançar politicamente os benefícios que só as classes médias e altas conseguiam.

No entanto, a proposta do nosso estudo era analisar em que medida a imagem positiva construída em torno do Clube do Sargento Wolf teria contribuído para a construção de um imaginário pró-ditadura no Recife. Diante disso, percebemos que o universo dos sargentos ainda não fazia parte de uma classe social definida. Ora se relacionavam com a classe média, ora com a classe menos favorecida. O ambiente em que viviam e que foi construída a sede própria do clube ficava localizado no subúrbio do Recife. Contudo, a linguagem usada pelo Diário de Pernambuco para se referir ao clube dos sargentos, dava aos sargentos uma aparência de status mais elevada.

Ocorreu que o “parecer ser”, abriu portas. O crescimento do clube foi notório, assim como o crescimento da sua imagem. O apoio político, a interação com os

outros clubes e a relação com as autoridades militares estreitaram-se. Ocuparam um espaço privilegiado na sociedade, suprimindo uma lacuna no quesito diversão e lazer, atividades lúdicas de grande alcance social, ao mesmo tempo em que projetavam a construção de “sua” imagem! Promissora, positiva, pra frente, sempre associada a realizações, projetos exitosos e de grande projeção social. Nesse ponto, tiveram um viés muito favorável à aceitação, tanto popular quanto das altas camadas da sociedade, tendo uma influência decisiva na construção do imaginário social de aceitação da boa imagem do militar, sendo, portanto, um forte elemento aglutinador/formador da opinião pública, credenciadora de uma rede de apoio favorável ao regime e sua perpetuação.

Dessa forma, concluímos que a propaganda articulada em torno do clube dos sargentos, fruto do alinhamento discursivo entre os atores envolvidos, foi se transformando de maneira sutil em uma espécie de propaganda antecipada de uma ditadura que estaria por vir.

Assim, ao rememorarmos os antecedentes do golpe de 1964, no Brasil, com um olhar mais atento para outros aspectos da história daquele período, surge a possibilidade de confrontarmos os lugares da história que permaneceram obscuros, no contexto da ditadura, e os que não se desenrolaram, por ocasião do resultado das eleições de 2022, a fim de que percebamos no futuro os fatores que podem contribuir para a formação de uma conjuntura favorável a ruptura da nossa democracia.

Referências bibliográficas

CARVALHO, José Murilo. *Forças Armadas e Política no Brasil*. Rio de Janeiro: Jorge ZAHAR Editor. 2.Ed – 2006.

Fico, Carlos. *Reinventando o Otimismo: Ditadura, propaganda e imaginário social no Brasil*. Rio de Janeiro. Editora Fundação Getúlio Vargas, 1997.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 2000.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. São Paulo: Loyola, 1996.

LE GOFF, Jaques. *História e Memória*. Campinas: UNICAMP, 1990.

Rodrigues, Everton Gustavo. *Ruídos e vozes do porão fardado: socialização, imaginário e identidade dos sargentos do exército brasileiro (1945-2000)*. Tese de doutorado. Curitiba, 2013.

SANTOS, Stefan Freitas. *Batalha pela democracia: 1961 – 1964 – Outras visões, os Sargentos e o Governo João Goulart*. Dissertação (mestrado)-Fundação Getúlio Vargas: Rio de Janeiro, 2010.

STEPAN, Alfred. *Os militares na política: as mudanças de padrões na vida brasileira*. Rio de Janeiro: Editora Artenova. 1975.

SKIDMORE, Thomas. *Brasil: De Getúlio a Castelo*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

PINSKY, Carla Bassanezi (org). *Fontes Históricas*. São Paulo: Contexto, 2008.

ZIMMERMANN, Lausimar José. *Sargentos de 1964: como a disciplina superou a política*. Rio de Janeiro: Dissertação (Mestrado) – Centro de Pesquisa e

Documentação de História Contemporânea do Brasil, Programa de Pós-Graduação em História, Política e Bens Culturais. 2013.

General Góes Monteiro, A Revolução de 30 e a finalidade política do Exército. Rio de Janeiro, Andersen Editores, sem data.

SILVA, Marcília Gama da. *O cruzamento de fontes da Justiça do Trabalho e do DOPS-PE: a pesquisa em diferentes artefatos históricos e a representação da luta da classe trabalhadora*. In.: SILVA, Marcília Gama da; SOARES, Thiago Nunes (Orgs.) Pernambuco na mira do golpe, volume 3: mundos do trabalho e dos trabalhadores [recurso eletrônico] Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2021, p. 14-39.

SILVA, Marcília Gama da. *O modus operandi do DOPS-PE e o seu papel em "Defesa da Segurança Nacional" de 1964-1985*. In.: SILVA, Marcília Gama da; SOARES, Thiago Nunes (Orgs.) Coletânea Pernambuco na mira do Golpe, volume 2: direitos humanos, acervos, política e sociedade [recurso eletrônico] Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2021, p. 169-192.

SILVA, Pedro Henrique Pachêco da. *O Movimento de Ação Católica Rural e os trabalhadores cristãos*. In.: SILVA, Marcília Gama da; SOARES, Thiago Nunes (Orgs.) Pernambuco na mira do golpe, volume 1: educação, arte-cultura e religião [recurso eletrônico] Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2021, p. 511-530.

SOARES, Thiago Nunes; PINA, Silvânia de Jesus (Orgs.). *História de Pernambuco: novas abordagens - Volume II: República* [recurso eletrônico]. Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2021.

TAVARES, Rosely. *Entre conciliação e acomodação: ditadura militar e a política cultural em Pernambuco entre 1975-1979*. In.: SILVA, Marcília Gama da; SOARES, Thiago Nunes (Orgs.) Pernambuco na mira do golpe, volume 1: educação, arte-cultura e religião [recurso eletrônico] Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2021, p. 345-367.